



<https://doi.org/10.51880/ho.v24i1.1149>



## “Assim eu sei que viverei para a posteridade”: depoimentos orais de Almerinda Farias Gama, uma pioneira do feminismo brasileiro

Patrícia Cibele da Silva Tenório\*

ORCID iD 0000-0001-5270-4446

Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, Brasília, Brasil

**Resumo:** O artigo discute dois depoimentos orais concedidos por Almerinda Farias Gama (1899-1999), uma das lideranças feministas a encabeçar a campanha pelo voto feminino no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Almerinda fez parte da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e também fundou e presidiu o Sindicato das Datilógrafas e Taquígrafas do Distrito Federal em 1933. Nos anos de 1980, a octogenária Almerinda recordou sua trajetória em dois momentos distintos: em 1984 prestou um depoimento de História Oral aos pesquisadores Angela de Castro Gomes e Eduardo Stotz e em 1989 voltou a rememorar sua trajetória para o cineasta Joel Zito Araújo. O artigo propõe-se a analisar a maneira como Almerinda buscou responder às provocações da memória propostas por cada um desses dois projetos distintos e como a força do presente também delineou esses dois depoimentos que foram, de certa forma, ferramentas de luta de Almerinda contra o esquecimento.

**Palavras-chave:** Almerinda Gama. Feminismo. Sindicalismo. Memória. Envelhecimento.

### “This is how I know I will live posthumously”: oral testimonies from Almerinda Farias Gama, a pioneering figure in brazilian feminism

**Abstract:** The following article discusses two oral testimonies given by Almerinda Farias Gama (1899-1999), one of the chief feminist activists to lead the Brazilian campaign for the female vote, in the early twentieth century. Not only was Almerinda part of the Brazilian Federation for Female Progress (FBPF), but she also founded and presided the Federal District's Syndicate of Women Typewriters and Shorthand Writers, in 1933. Throughout the 1980's, the octogenarian Almerinda remembered her trajectory in two distinct moments: in 1984, she gave an Oral History testimony to the researchers Angela de Castro

---

\* Mestra em História pela Universidade de Brasília (UnB) e jornalista formada pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). E-mail: cibeletenorio@gmail.com.

Gomes and Eduardo Stotz; and, in 1989, Almerinda did the same to filmmaker Joel Zito Araújo. This article aims at analyzing how Almerinda attempted to answer to the memoration provocations proposed by each of the above cited projects and reflect about how present forces molded such testimonies which were, in a certain way, Almerinda's tools against forgetfulness.

**Keywords:** Almerinda Gama. Feminism. Unionism. Memory. Aging.

## Introdução

*Minha contribuição é oral, é tradição. Aqui, agora, escrevo para fazer-me ouvir. Invoco para mim a afirmação do poeta que diz: "E se alguém duvidava do que ele contava, tornava, prudente: – Meninos eu vi!" Sim, sou uma testemunha da história, como aliás, todo aquele que vive conscientemente a sua época. (Gama, 1975).*

Foi dessa forma que Almerinda Farias Gama fez a abertura de um artigo escrito por ela e publicado no jornal a *Província do Pará* em 14 de dezembro de 1975. Ao escolher essas palavras para a introdução, Almerinda buscava justificar que tudo que escrevia ali era fruto unicamente de sua memória. No texto, reivindicava seu lugar na História e relembra os caminhos traçados por ela e pelas colegas feministas na construção das muitas estratégias políticas para a conquista da igualdade política e jurídica entre homens e mulheres no Brasil. Almerinda Farias Gama foi uma das lideranças feministas a encabeçar a campanha pelo voto feminino no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Em outras palavras, era uma sufragista.

Mulher, negra, nordestina, jornalista, datilógrafa, militante feminista, sindicalista, advogada, poetisa e musicista. Essas são algumas das múltiplas facetas de Almerinda Gama. Sua trajetória de vida foi objeto de uma pesquisa realizada por mim que culminou na dissertação *A vida na ponta dos dedos: a trajetória de vida de Almerinda Farias Gama (1899-1999) – feminismo, sindicalismo e identidade política*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB) em 2020, sob orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina de Novaes Marques.

Almerinda nasceu na cidade de Maceió, em Alagoas, em 18 de maio de 1899. Aos oito anos, mudou-se para a cidade de Belém (PA), onde vivia parte da sua família paterna. Em 1929, após perder o marido vítima da tuberculose, decidiu recomeçar a vida no Rio de Janeiro, onde um irmão seu já vivia. Almerinda buscava novas oportunidades profissionais que retornassem melhores salários. Atuava como secretária, mas ansiava por alguma ascensão profissional que se refletisse no salário no final do mês. Sentia-se limitada e sem perspectivas em Belém. Como comentou em 1991 (Almerinda, 1991), no Pará "o meio era muito estreito".

Na capital da jovem República, Almerinda, que já acompanhava a campanha feminista pela imprensa e ainda adolescente escrevia pequenas crônicas de crítica social sobre a condição da feminina para os jornais paraenses, decidiu juntar-se à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), movimento organizado de mulheres que tinha como principal pauta o voto feminino.

Fundada em 1922 pela bióloga Bertha Lutz juntamente a outras mulheres bem-educadas e bem relacionadas politicamente, a entidade denunciava como “as mulheres no Brasil viviam no limbo dos direitos políticos que a ordem liberal proclamara serem universais” (Marques, 2016, p. 25). O principal foco de atuação da FBPF era o Congresso e a imprensa. Era preciso interferir na confecção dos projetos que chegavam ao Legislativo e usar os meios de comunicação para disseminar a propaganda feminista. Entre as múltiplas responsabilidades que Almerinda assumiu na entidade, a principal delas foi a de assessora de imprensa. Era Almerinda que, com perspicácia e competência, convertia a agenda feminista em material jornalístico.

Em 1933, Almerinda ganhou destaque ao ser a única mulher entre 270 homens a votar na eleição que escolheu representantes sindicais para a Assembleia Nacional Constituinte. Além dos deputados eleitos pelo voto direito, também fariam parte do Congresso deputados-trabalhadores que, assim, teriam a oportunidade de discutir os interesses e as necessidades de suas categorias. Almerinda pôde participar como delegada-eleitora neste pleito porque fundou e presidiu o Sindicato das Datilógrafas e Taquígrafas do Distrito Federal. Diferente das colegas da FBPF, que em boa parte tinham condição financeira confortável e vinham de famílias com prestígio social, Almerinda era datilógrafa e trabalhava para se sustentar. Portanto, além de ser uma militante do movimento de mulheres, Almerinda também foi precursora entre as lideranças femininas no movimento sindical.

Seu pioneirismo também se deu no terreno da política. Em 1934, Almerinda Gama candidatou-se à cadeira de deputada federal. Mesmo não tendo sido eleita, Almerinda se tornou umas das primeiras mulheres negras brasileiras a buscarem ingressar na política institucional.

Depois de anos intensos de militância política nos anos de 1930, Almerinda se afastaria da vida pública. Viúva e sem posses, a alagoana dependia do trabalho assalariado para se sustentar. Seguiu por anos a fio trabalhando como escrevente em cartórios. Diferente do que acontecia com a maioria das mulheres, que à medida que envelheciam iam abandonando os postos de trabalho em escritório, ela seguiu nos empregos administrativos.<sup>1</sup> O tempo passou e a Almerinda de cabelos gris seguiu a

---

<sup>1</sup> Pelos jornais, sabemos que Almerinda trabalhou no 9º Cartório de Notas do Rio de Janeiro até 1967, ano que foi demitida do cargo de escrevente juramentada (Atos..., 1967). Não há informações sobre as razões para seu desligamento, mas, baseado no depoimento de Almerinda a Gomes e Stotz, é possível descartar que tenha sido fruto de perseguição à ativistas sindicais. Segundo relatou Almerinda, sua militância sindical cessou em meados dos anos de 1930: “Em 35 ou 36 eu devo ter reduzido ou cessado minha atividade” (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 96).

vida em seu refúgio no Cachambi, cercada por suas memórias, fotografias amareladas e recortes de jornais do tempo em que era uma das líderes do movimento feminista. Só alguns poucos vizinhos conheciam o passado aguerrido da moradora da Rua Getúlio, número 181.<sup>2</sup>

Embora tenha sido uma mulher inteiramente ligada ao ofício textual, Almerinda não escreveu sobre si. A única vez em que escreveu sobre sua atuação política no movimento feminista foi ao jornal a *Província do Pará*. Foi justamente um trecho desse depoimento textual que utilizamos no início deste artigo. Para falar sobre si e contar sua história, Almerinda escolheu seguir os caminhos da oralidade.

É Michelle Perrot (2005, p. 11) quem nos lembra “que as mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas”. A situação de invisibilidade feminina na História pode ser ainda maior para as mulheres negras, como Almerinda, que enfrentam tanto a subalternização de gênero, quanto à subalternização racial. Se as mulheres costumam ser negligenciadas pela História, os testemunhos orais insurgem trazendo à superfície memórias de mulheres tanto sobre a sua existência particular (também política), quanto sobre sua participação nos acontecimentos públicos. Não à toa, Perrot (1989, p. 16) afirma que a História Oral é a “revanche das mulheres”. Para além de dar a palavra às mulheres, os testemunhos orais têm sido, conforme Ecléa Bosi (2003), um instrumento precioso para trazer à tona outras camadas da população excluídas da História como os velhos, os negros e os trabalhadores. Almerinda se enquadrava em todas essas categorias.

Em duas oportunidades distintas, Almerinda compartilhou por meio de relatos orais sua trajetória de vida. Seu envolvimento com o movimento feminista organizado nas primeiras décadas do século XX, assim como sua militância junto às lideranças sindicais durante os anos da ascensão de Getúlio Vargas ao poder, quando o Estado se impôs como mediador das relações entre o capital e trabalho, fizeram de Almerinda uma testemunha ocular de acontecimentos que, algumas décadas depois, passariam a ser de interesse de pesquisadores, jornalistas e cineastas.

Um primeiro depoimento foi concedido por Almerinda Gama aos historiadores Angela de Castro Gomes e Eduardo Stotz para o projeto *Velhos Militantes*, o qual ouviu trabalhadores que tiveram militância política na Primeira República. A entrevista foi realizada em 1984 e, à época, Almerinda tinha 85 anos. Por quatro horas, a alagoana rememorou os principais episódios de sua vida. Orgulhava-se de lembrar: “Eu, além de ser datilógrafa e taquígrafa, tinha uma memória prodigiosa, como estou provando hoje” (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 49). Essa entrevista, e alguns poucos registros fotográficos e documentos pessoais, faz parte do acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV).

---

<sup>2</sup> Conforme relato de Alana Mara Batista de Souza (2019), filha afetiva de Almerinda.

Em 1989, Almerinda voltou a rememorar sua trajetória, desta vez diante das câmeras do cineasta Joel Zito Araújo. Durante as filmagens de seu documentário *Memórias de Classe* (1989), que resgata as memórias de militantes que aturam no movimento sindical nos anos de 1930, Joel Zito foi ao encontro de Almerinda em sua casa do bairro do Cachambi e, por algumas horas, ouviu as histórias da velha feminista.

Neste artigo, proponho a análise da maneira como Almerinda buscou responder às provocações da memória propostas por dois projetos distintos. Exploro também a forma pela qual a força do presente delineou os dois depoimentos que podem ser tomados como suas ferramentas de luta contra o esquecimento.

## Tempo de recordar

As histórias dos tempos da vida pública, da luta pelo voto feminino, eram transmitidas por Almerinda no âmbito familiar. Quem frequentava a casa da velha militante tinha acesso ao museu particular ostentado em forma de mural na parede da sala de estar. Ali ficavam expostos recortes de jornais e registros visuais de momentos públicos de prestígio vivenciados pela dona da casa. A foto original em que deposita seu voto na urna durante a eleição classista de 1933 tinha destaque nesta iconoteca familiar.

Com os ventos de redemocratização que sopravam no país no início da década de 1980 após anos de uma ditadura cívico-militar, a trajetória de Almerinda de luta e resistência e sua atuação junto aos movimentos feminista e sindical passariam a interessar a outros.

Foi nesse clima que, em 8 junho de 1984, Angela de Castro Gomes e Eduardo Stotz entrevistaram Almerinda para uma pesquisa sobre a construção da identidade social e política da classe trabalhadora no Brasil. Dois meses antes do encontro entre os historiadores e a recordadora Almerinda, em 16 de abril, a campanha das *Diretas Já* atingia seu auge: um mar de gente lotava o Vale do Anhangabaú, em São Paulo, exigindo democracia. Um milhão e meio de pessoas participaram dessa que é até hoje a maior manifestação popular da história brasileira.

Já o depoimento da alagoana ao cineasta Joel Zito Araújo foi concedido cinco anos depois, em 1989. Poucos meses antes de receber a equipe de filmagem em sua residência, Almerinda acompanhava atentamente pelos telejornais a promulgação da nova Constituição brasileira, que em seu texto ampliava o direito de voto aos analfabetos. Após duas décadas de regime militar, o processo de transição entre a ditadura e um regime democrático-representativo estava concluído e os brasileiros poderiam finalmente voltar às urnas para escolher seu presidente.

Nessa mesma época, Joel Zito Araújo preparava o documentário *Memórias de Classe* (1989), que conta com depoimentos de lideranças sindicais dos anos de 1930.

Almerinda foi uma das entrevistadas. “Ao final de um dia inteiro de filmagens – previstas para durarem apenas algumas poucas horas – saiu impressionado com a trajetória de vida e militância desta ex-líder das datilógrafas, que fala francês e compõe ao piano”, escreveu o repórter José Manoel Júnior no pernambucano *Jornal do Commercio* (Manoel Júnior, 1991). Poucos minutos das mais de cinco horas gravadas com Almerinda foram usados no documentário, o que levou o diretor a lançar o curta-metragem documental *Almerinda, uma mulher de 30* (1991), em que a alagoana é a única protagonista.

Recuperamos aqui essa breve linha do tempo para termos em perspectiva o contexto histórico e político em que Almerinda passa a entrar no radar de historiadores, jornalistas e cineastas. Com a abertura política, interessa aos pesquisadores ouvir as vozes daqueles que viveram muito e tiveram uma militância política no passado.

O depoimento concedido a Angela de Castro e a Eduardo Stotz seguiu o método de História de Vida. Angela de Castro justificou que sua opção por essa metodologia, e não por uma entrevista temática, deveu-se ao fato de levar em consideração outras dimensões das experiências dos homens e das mulheres trabalhadoras entrevistadas para o projeto:

Embora as entrevistas tivessem como objetivo primeiro subsidiar meu estudo, foram concebidas desde o início como um material rico em si mesmo, que poderia ter outros destinos nas mãos de outros leitores, com outras questões a serem respondidas. (Gomes, 1988, p. 9).

No entanto, embora aborde aspectos de sua vida social, a entrevista com Almerinda privilegia suas memórias enquanto uma mulher da classe trabalhadora. Percebe-se que os pesquisadores buscaram extrair do depoimento a experiência de Almerinda no mundo do trabalho e no mundo da política.

Sobre a entrevista realizada por Joel Zito Araújo, não temos informações se foi utilizado um roteiro prévio ou se a equipe seguiu algum método, mas fato é que a narrativa cinematográfica apresenta certa ordem cronológica. O filme começa com memórias da infância da entrevistada e segue encadeando relatos sobre sua juventude, sua vida adulta e aspectos da sua vida presente. No entanto, sem acesso ao material bruto das filmagens, é impossível saber se Almerinda seguiu essa linearidade, ou se intercalou temporalidades ao lembrar.

“Por mais que isso possa ofender a minha vaidade de mulher, que deseja sempre parecer jovem, eu nasci na cidade de Maceió, estado de Alagoas, no dia 16 de maio de 1899”, respondeu Almerinda à primeira pergunta feita por Angela sobre a data e o local do seu nascimento, dando início ao seu trabalho de reelaboração do passado. Aqui dizemos trabalho, pois, como proposto por Ecléa Bosi (1994, p. 17), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. A engrenagem das lembranças precisa funcionar bem, para que o mesmo brilho do fato vivido incida

sobre a narração do agora.

O relato sobre a infância é o mesmo em ambos os depoimentos, embora aos historiadores, Almerinda enfatize aspectos ligados à sua formação educacional, procurando responder à risca aos questionamentos dos historiadores sobre como se dava a vida escolar, quais os tipos de material utilizados em sala de aula e se as escolas tinham muitas meninas como alunas. Almerinda rememorou o início da vida escolar:

Eu frequentava uma escola particular. Naquele tempo era muito fácil, as mensalidades eram muito acessíveis, meu pai me matriculou e eu ia, porque minha mãe me preparava direitinho, me vestia com minha irmã e nós íamos sozinhas ao colégio e voltávamos. (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 4).

Ainda segundo Almerinda, José Gama, seu pai, sempre fez questão de que os três filhos estudassem. Como aponta Susan Besse, à época, as famílias de classe média buscavam educação para suas filhas não só para prepará-las para assumir seus papéis de mãe e esposa, “mas para garantir que pudessem ganhar honradamente a vida, se e quando isso se tornasse necessário” (1999, p. 19). Segundo Almerinda:

Meu pai não batia, não repreendia, não puxava a orelha. Tudo o que ele queria era pela conversa. Então, naquele tempo, por exemplo, havia ainda uso da palmatória nas escolas, principalmente aos sábados, o argumento da tabuada. Mais uma vez minha irmã levou um bolo de um colega, chegou em casa aos prantos. Meu pai foi à escola e proibiu terminantemente, que filhas deles para estudar não precisava de palmatória. Tinha que falar e era proibido. E assim eu fui criada. (Almerinda, 1991).

Embora os aspectos da vida escolar estejam presentes e sejam bem parecidos em ambos os depoimentos, a infância relatada no curta-metragem *Almerinda, uma mulher de 30* é mais livre e alegre. “Nós éramos criados com muita liberdade, corríamos descalços. Brincávamos, íamos de vez em quando à praia tomar banho de mar, tudo com muito amor” (Almerinda, 1991). É assim que as lembranças plantadas nos tempos de criança germinam e florescem na velhice.

Um episódio da infância ganha destaque no depoimento: a morte do pai, José Antonio Gama, quando Almerinda tinha recém-completado oito anos. A infância rememorada nos relatos é leve, do brincar, marcada pela rede de proteção criada pela família. A exceção é justamente o período imediato à morte do pai, que é lembrado com muita intensidade.

Sua homônima, Almerinda Gama, a avó paterna, viajou de Belém para Maceió para ajudar a cuidar do filho enfermo. A família era originalmente de Alagoas, mas, alguns anos antes, uma parte dela havia se mudado para Belém. Passado já três meses da morte do filho, era chegada a hora de voltar para casa. Os outros filhos lhe esperavam.

Em seu relato, Almerinda fala do dia da despedida da avó na ponte do embarque no ancoradouro de Maceió. Havia ficado combinado que os irmãos mais velhos seguiriam com a avó para Belém. Almerinda, por ser a caçula, ficaria com a mãe. Era agosto de 1907. Agarrada à barra da saia da avó, Almerinda implorava: "Eu também quero ir para o Pará. Mirandinha, me leva, eu quero ir para o Pará!" (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 3).

Quem relembra esse episódio desalentador vivido pela menina Almerinda é a Almerinda octogenária. É interessante notar a capacidade que a emoção tem de priorizar algumas lembranças. Setenta e oito anos após esse acontecimento, Almerinda parece reunir essas imagens do passado procurando dar a elas um sentido, quem sabe à procura de uma ressignificação daquela experiência traumática. A família, como ela conheceu até então, desfazia-se.

Lembremos que sempre a "memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado" (Bosi, 2003, p. 20). São perceptíveis nas lembranças as digitais deixadas pelo presente; é a mulher adulta quem reelabora este episódio. No entanto, ela recorda-se do que viveu ou do que lhe foi contado? É preciso levar em consideração a enorme distância temporal entre o fato vivido e o fato narrado por Almerinda. Ao mesmo tempo, essas memórias podem ter tido uma significação tão intensa justamente pela sua carga traumática. Não só os eventos positivos podem perdurar em nossa memória, os penosos também, pelo seu impacto emotivo.

De fato, a mudança para a cidade de Belém seria um divisor de águas para Almerinda. Ali, sob os cuidados da avó paterna, a menina cresceria sendo educada como uma boa moça de classe média. Tomava aulas de piano, de francês, de prendas domésticas e gastava as horas livres lendo romances. Seria em Belém também que Almerinda se casaria com o primo Benigno Gama, em 1923. Com ele teria um filho que morreria ainda bebê. Em seguida, com apenas dois anos e oito meses de casada, perderia Benigno para a tuberculose. Sobre essas tragédias pessoais, em ambos os depoimentos, Almerinda é sucinta, parece querer passar rápido pelo assunto.

Tivemos um filho, ele morreu também, morreu não sei se de meningite, convulsão, ou se foi desidratação. Só sei que ele teve febre, vômitos e convulsões e quase que não deu tempo a tratar. Morreu. De forma que eu fiquei solteira. Vim pra o Rio de Janeiro. (Almerinda, 1991).

É possível que as falas sobre esses assuntos sejam resumidas, porque a remetem a episódios muito dolorosos para serem lembrados, mas há outra interpretação, esta dada por sua filha, Alana (Alana Mara Batista de Souza, 2019). Almerinda não remoia dores do passado. Os lutos tinham hora para acabar e a vida seguia.

Sobre sua entrada no movimento organizado de mulheres, Almerinda relata que colegas da pensão onde morava, seu lar nos primeiros meses na nova cidade, recomendaram-lhe participar de uma das reuniões organizadas por Bertha Lutz. Isso

porque as colegas sabiam: Almerinda era moça “pra frente”. Não fugia de um bom debate e deixava transparecer até em brincadeiras bobas suas convicções progressistas (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 46).

Questionada pelos historiadores sobre as razões de ter se juntado ao movimento feminista, Almerinda justificou que desde muito criança sentia indignação pela diferença de tratamento dada a homens e mulheres:

Eu sempre, por instinto, me revoltei contra a desigualdade de direito entre homem e mulher. Lembro-me de que, quando criança, brincava com um primo [...]. Nós éramos crianças – talvez com 10, 11 anos – e dessa discussão amigável surgiu uma dúvida: eu dizia que no casamento o homem e a mulher tinham direitos iguais e igual autoridade, que na casa, no casal, o direito era igual. Ele dizia que era do homem. Eu, não me conformando com aquilo, achei que devia servir de árbitro a nossa avó, que era considerada uma mulher sábia e que de fato era. [...]. Então, fomos juntos perguntar a ela quem era que mandava. Ela com certo tato, com muito jeito, disse que deveria haver harmonia, mas a autoridade do casal era do homem. Isso me deixou convencida da injustiça dos fatos, mais revoltada com isso. (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 36).

No relato cinematográfico acrescentou que o despertar para a situação de privação de direitos que as mulheres experimentavam se deu a partir do acesso à leitura:

Acontece que eu sempre fui amiga da literatura. Sempre li muito e via, tomava conhecimento das grandes mulheres do passado, não das lutas, porque não se referiam à discriminação. Mas sempre eu tive consciência de que a mulher devia equiparar-se ao homem, que nesse ponto não devia haver discriminação. A inteligência não tem sexo. (Almerinda, 1991).

Para ela, o caminho possível para conquistar igualdade de direitos entre homens e mulheres passava pelo voto e pela presença de mulheres em cargos eletivos. Segundo Almerinda: “Eu achava que o voto era uma arma que nós tínhamos para poder ingressar no recinto onde se discutiam estes assuntos” (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 39).

Em sua lembrança, Bertha Lutz aparece como mulher inteligente, amistosa com as colegas, extremamente dedicada à causa feminista e que sentia animosidade em relação aos homens e às organizações masculinas. De acordo com Almerinda, Bertha era a líder indiscutível do movimento e desprezava qualquer auxílio que viesse de homens. Achava que a mulher sozinha deveria se valer:

Mesmo porque ela achava que, se fizessem isso, iriam dizer que os homens é que tinham, com seu beneplácito, favorecido as mulheres generosamente, concedido aquilo e aquilo outro. Ela queria mostrar que a mulher tinha conseguido o seu lugar ao sol com seu próprio esforço. (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 48).

Segundo recordou Almerinda, quem chegava na FBPF era bem recebida por Bertha Lutz e rapidamente era designada para assumir tarefas dentro da entidade. Para Almerinda foi dada a função de assessora de imprensa. Como José Gama, seu irmão, trabalhava como tipógrafo, ela tinha contato com gente da imprensa, desde quem atuava na confecção de jornais até pessoas que para eles escreviam. Essa rede de relacionamentos lhe abriu portas nos jornais cariocas.

Em sua narrativa aos historiadores, Almerinda dá crédito a Bertha por tê-la forjado para as atividades e ações políticas que viria a desempenhar na entidade. Segundo Almerinda: "Ela [Bertha], sabendo já da minha atitude, tomou-me como – quer dizer, normalmente, sem uma maneira ofensiva, ela foi me transformando num dos baluartes ou num dos esteios para ela" (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 47).

No quadro de associadas da FBPF figuravam enfermeiras, funcionárias públicas, jornalistas, estudantes e, principalmente, professoras.<sup>3</sup> Operárias, empregadas domésticas, ou auxiliares de escritório, como Almerinda, eram poucas, conforme ela mesma relatou: "De classe baixa muito poucas, era a classe média inferior, mas quase sempre nós tínhamos, por exemplo, a Baronesa de Bonfim era uma das nossas sócias" (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 59).

Almerinda e as associadas da FBPF tinham em comum a busca de igualdade jurídica e de igualdade salarial para homens e mulheres que ocupavam o mesmo emprego. Embora estivessem pelejando no mesmo campo minado, ela e suas companheiras tinham experiências individuais muito distintas. Gomes e Stotz não chegaram a questionar Almerinda sobre os possíveis conflitos de classe vivenciados por ela no seio do movimento feminista.

Os depoimentos também não trazem relatos de Almerinda sobre sua experiência sendo a única mulher negra na alta cúpula do movimento organizado de mulheres. Em nenhum dos depoimentos Almerinda se refere a ela mesma como uma mulher negra. Relembrando a obra de Halbwachs (2013) que sugere que no trabalho da memória muitas lembranças surgem a partir da provocação de terceiros, é possível dizer também que muitas lembranças continuam adormecidas, porque ninguém nos provocou lembrá-las. Almerinda não fala sobre a questão racial porque hesita, porque o assunto não lhe dizia respeito ou simplesmente porque não foi perguntada a respeito? Difícil saber.

Em um determinado momento da entrevista, Gomes a questiona sobre disputas envolvendo Bertha e Natércia da Silveira. Natércia chegou a ser associada da FBPF, mas depois de um desentendimento com Bertha, fundaria em 1931 outra entidade política: a Aliança Nacional de Mulheres (ANM), esta mais ligada às mulheres trabalhadoras. Comenta Marques (2016, p. 32): "A ruptura deixou cicatrizes emocionais que não se

---

<sup>3</sup> Conforme mostram os formulários de adesão do II Congresso Internacional Feminista, realizado pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Fonte: Arquivo Nacional, referência: BR RJANRIO Q0.ADM,EVE.CNG, TXT.10, v.2 – Dossiê.

sanaram. Nos anos seguintes, Bertha e Natércia protagonizaram uma disputa pública pela bandeira do feminismo no Distrito Federal”. Sobre os conflitos na Federação, Almerinda respondeu:

Da Natércia, eu tenho apenas pequena recordação. Mas, de fato foi uma criatura que quis levar para si ou louros da vitória. Bertha tinha sido a grande líder, a antiga líder que tinha arrastado, e Natércia apareceu com uma plêiade de criaturas eruditas ou pelo menos letradas. [...] Natércia chegou fazendo uma espécie de rivalidade. (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 68).

Aqui, vemos que Almerinda respondeu às questões de possíveis conflitos dentro da FBPF a partir da formulação da pergunta feita por Gomes que citava Natércia. Mesmo após o questionamento ser respondido, a pergunta não retorna para Almerinda, para que ela fale sobre se ela mesma esteve envolvida em conflitos com as colegas da FBPF, o que seria possível devido às diferenças de classe e raça entre elas. Alguns desses conflitos que não estão explícitos nos relatos orais da alagoana são evidentes em outros documentos, como por exemplo, uma carta escrita por Almerinda em agosto de 1934 em que explicita a Bertha as dificuldades financeiras que a vida real impunha-lhe e que ditavam os limites de sua participação nas atividades da FBPF.<sup>4</sup> Também no relato a Joel Zito Araújo, a alagoana deixa escapar que sentira certa rixa por parte de outras integrantes da FBPF quando da sua participação na eleição classista. A conquista que Almerinda tinha empreendido naquele dia não foi comemorada pelas demais.

[...] parece que algumas acharam que tavam esquecidas porque sempre há uma certa rivalidade. Eu não digo que tenha havido. Mas não houve mesmo assim um regozijo coletivo que chamasse atenção, não houve. (Almerinda, 1991).

Já no relato a Gomes e Stotz, Almerinda apresentou seu ponto de vista como observadora de alguns desses conflitos e não como parte deles. Essa é uma dinâmica que se repete em alguns momentos da entrevista. O roteiro de perguntas é seguido e, por vezes, desconsidera a formulação de novas questões, elaboradas a partir das respostas da entrevistada. No entanto, é preciso levar em consideração que para esse projeto, Gomes realizou uma série de entrevistas com outros depoentes – todos trabalhadores que tiveram militância política na Primeira República. A entrevista com Almerinda foi realizada em um único dia, por quatro horas. Possivelmente, o depoimento não pôde se estender porque havia ainda muito trabalho a ser feito.

Sobre seu afastamento da FBPF, Almerinda explicou em ambos os depoimentos

---

<sup>4</sup> Carta de Almerinda Farias Gama justificando impossibilidade de viajar à Bahia, para a 2ª Convenção Nacional Feminista. Fonte: Arquivo Nacional, referência: BR RJANRIO Q0.ADM, COR.A934.10.

que suas demandas pessoais foram lhe impedindo de seguir na ativa. Para Gomes, Almerinda explicou: “Enveredei na luta por outros caminhos. Porque eu tinha minha própria subsistência” (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 68). Voltou a comentar o assunto com Joel Zito Araujo: “Fui sendo solicitada pra estas coisas, inclusive na minha vida particular, eu tinha que dar um duro.” (Almerinda, 1991).

O roteiro de entrevista proposto por Gomes e Stotz privilegia a visão de Almerinda enquanto uma mulher trabalhadora no ambiente majoritariamente masculino do movimento sindical carioca. Como dito, Almerinda fundou e presidiu o Sindicato das Datilógrafas e Taquígrafas do Distrito Federal em junho de 1933. O sindicato foi concebido dentro da FBPF e criado às pressas, às vésperas da eleição para escolha de deputados classistas. Deslocar as lutas feministas para o âmbito do movimento sindical permitiria à FBPF criar um instrumento para ter um de seus nomes numa competição eleitoral e, conseqüentemente, em um espaço de representação política. Segundo Rachel Soihet (2006, p. 50), a FBPF tinha total interesse nas discussões que seriam travadas na Assembleia Nacional Constituinte “no sentido de evitar qualquer retrocesso nas conquistas obtidas, ou que alguma nova medida lhes pudesse prejudicar”.



Figura 1 – Carteira de delegada sindical de Almerinda Gama.  
Fonte: CPDOC/FGV (referência: AFG dp1933.02.17).

Almerinda não dá detalhes sobre a pauta de reivindicações do Sindicato das Datilógrafas, mas destaca a dificuldade de mobilizar a categoria. Não chegou a existir uma campanha de sindicalização, porque, segundo Almerinda, as mulheres eram “comodistas”. “Eram pessoas avulsas que eu consegui com esforço para fazer o número” (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 64).

Almerinda lembrou a Angela a resistência que enfrentou ao abordar as colegas que

desconheciam o papel de um sindicato de classe em depoimento:

As mulheres eram pouco sindicalizáveis; elas não tinham aberto os olhos para este direito e este dever. Tanto que todos os sindicatos eram por lei abertos a ambos os sexos, mas pode ver aí as fotografias, quase todos homens. Porque as mulheres, quando se dizia: ‘Vamos para o sindicato’. – ‘Ah, que que eu vou fazer lá? Vão me aumentar o salário? Vou ganhar mais por isso?’. Não tinham educação política para isso, a mulher não tinha educação política. Os sindicatos eram muito abandonados. (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 65).

Essa percepção foi reforçada no depoimento a Joel Zito Araújo:

O sindicato era quase que uma máscara, porque as mulheres de fato não tinham consciência combativa, consciência corporativa. Você falava ‘fulana’... “E quanto eu vou ganhar? Eu vou ganhar alguma coisa com isso?” não sabia [inaudível] a gente pegava aquilo para efeito oficial, para fazer número porque elas mesmas não se interessavam. Não se interessavam, não tinham consciência. (Almerinda, 1991).

Por falta de atividade, o Sindicato das Datilógrafas e Taquígrafas teve a carta recolhida ainda nos anos de 1930. Segundo rememorou Almerinda: “Eu não podia aguentar fazer força, continuar a arregimentar uma porção de ovelhas desgarradas que não queriam ir para o redil” (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 97).

Ao falar sobre sua participação no movimento sindical carioca, Almerinda enfatiza sua respeitabilidade. Isso porque, além de sua atuação no Sindicato das Datilógrafas, a alagoana também auxiliava outros sindicatos cariocas de categorias profissionais exclusivamente masculinas, como dos guindasteiros, dos *chauffeurs*, padeiros, alfaiates, entre outras. Almerinda emprestava suas habilidades – datilografia, domínio da língua portuguesa e, principalmente, domínio da linguagem burocrática – aos trabalhadores semiletrados. Isso ou auxiliava a ganhar espaço político e representatividade na ordem estatal.

Dedicada à causa que abraçara, Almerinda não hesitava em circular pela cidade fora dos horários considerados adequados para as mulheres.<sup>5</sup> Empenhava-se em ser um elemento sempre presente junto aos sindicatos. A atitude subversiva era ainda pior, porque não só andava à noite, mas estava cercada de figuras masculinas. Ao mergulhar de cabeça na militância operária, Almerinda estava vulnerável a um duplo risco: poderia ser considerada uma figura promíscua, sem respeitabilidade sexual ou também ser encarada como tendo um comportamento masculinizado. Era a única mulher entre operários homens de pouca educação formal. Tudo piorava porque, sendo viúva, não

<sup>5</sup> Segundo Martha de Abreu Esteves, no começo do século XX, alguns dos referenciais de moralidade femininos passavam pelos horários, pelas companhias e pelos destinos que tomavam as mulheres quando saíam às ruas (Esteves, 1989, p. 43).

estava sob supervisão de nenhum parente masculino:

Ali naquele bairro do Camerino – perto do cais do porto, ali perto da Rua Larga – onde estava o Sindicato dos Carregadores de Bagagem, eu saía dali à meia-noite, uma hora da madrugada, sozinha ou acompanhada por eles, nunca – cada um deles procurava ser mais cavalheiro comigo. (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 53).

Tais observações indicam que Almerinda, ao mesmo tempo em que não se privava de ser livre, andar na rua e fazer o que bem entendesse, temia pela sua reputação. Ao reelaborar as lembranças, reitera sua respeitabilidade. Ao reforçar isso, quer deixar claro para o interlocutor que caminhava lado a lado com os colegas, indicando caminhos de trabalho e de ação política, mas, “se dava ao respeito”. É possível cogitar também que a ênfase dada por Almerinda em sua respeitabilidade tem relação com os estigmas atrelados às mulheres negras. No decorrer do século XX, aponta Sueli Carneiro (2019), persiste no imaginário social a visão racista e preconceituosa que limita a mulher negra ao prazer sexual, cria-se o mito da mulata sensual. Embora não fale em seus depoimentos sobre episódios de discriminação racial, é possível pensar se também não é em razão desses estereótipos que Almerinda fará questão de, em ambos os depoimentos, reforçar sua honra.

## A protagonista Almerinda

Nem tudo que esta mulher diz é verdade. Nada é mentira. São lembranças de uma pessoa nascida em 1900 fixadas pelo seu envolvimento pessoal nos acontecimentos e tomadas pelos seus afetos e suas paixões. São memórias importantes que se destacam das de outras mulheres do seu tempo que não conseguiram romper com as barreiras de uma sociedade patriarcal. (Almerinda, 1991).

São essas as primeiras palavras que o expectador escuta ao assistir ao documentário *Almerinda, uma mulher de 30*, lançado em 1991 pelo cineasta Joel Zito Araújo. A voz em *off* parece querer alertar o expectador sobre as possíveis armadilhas da memória.

Enquanto o narrador do filme parece preparar o expectador para o que está por vir, as imagens que surgem na tela revelam uma senhora de vestido carmim sentada ao piano. Seus dedos passeiam suavemente sobre as teclas preto e branco enquanto ela sorri com ternura encarando a lente da câmera. A mulher em questão é Almerinda. No curta-metragem de 24 minutos, mais uma vez, ela se propõe ao exercício de lembrar.

O ano de 1989 foi especial para Almerinda porque além de falar de sua vida em um filme, ela passou a receber destaque na imprensa por ocasião da primeira eleição presidencial pós-ditadura em novembro daquele ano. Em maio de 1989, ela tinha

completado 90 anos. A nova Constituição Federal promulgada em 1988 determinava que para pessoas acima de 70 anos, o voto seria facultativo. A despeito do corpo que já não respondia com tanta presteza aos comandos do cérebro que seguia ágil, Almerinda voltaria às urnas naquele ano. Periódicos como *O Globo* e *Jornal do Brasil* acompanhavam cada passo dado pela velha militante nesse processo eleitoral (Almerinda..., 1989; Aos 90 anos..., 1989).

É possível que Almerinda não tenha sido a primeira pessoa a ser considerada como entrevistada pelos jornais, mas ela tinha a seu favor a longevidade. Entre as pioneiras femininas na política, Carlota Pereira de Queirós, a primeira brasileira a ser eleita deputada federal, morreu em 1982. Bertha faleceu em 1976. Poucas antigas ativistas estavam vivas para dar seu testemunho. Aos 90 anos, Almerinda, que fora coadjuvante no *hall* da fama das sufragistas brasileiras, pôde sair das sombras e ocupar, por breve tempo, lugar de protagonista.

Nonagenária, saudável e demonstrando plena independência intelectual, Almerinda pôe-se diante das câmeras e de gente disposta a ouvi-la. Diferente do relato feito diante do gravador dos pesquisadores Angela e Eduardo Stotz, ela assume uma outra postura diante das câmeras, consciente de que aquele projeto audiovisual exigia dela uma outra teatralidade. As imagens revelam uma Almerinda relaxada, que canta e conta piadas para a pequena plateia formada pela equipe técnica responsável pelas filmagens.

Há também uma diferença fundamental entre esses dois depoimentos: o local da entrevista. Em 1984 o depoimento foi colhido em lugar que desconhecemos, mas que sabemos não ter sido a casa da entrevistada. Ao falar sobre sua residência para Angela, Almerinda diz: “É uma casa sólida e muito boa, que eu despendi na construção 200 contos de reis entre material e mão de obra [...] é uma casa que eu convido vocês a visitar” (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 105).

Para a entrevista com Joel, Almerinda está em seu refúgio. Apoiava-se no seu acervo particular, posto sobre a mesa. Os documentos eram o apoio necessário para voltar aos fatos com exatidão. Os arquivos também ajudavam na tarefa de comprovar a veracidade do que se falava: “Eu em Belém, tenho até ainda recortes aqui, comecei a batalhar contra a discriminação da mulher”, ela diz ao cineasta (Almerinda, 1991). Os arquivos pessoais são armas no conflito entre as forças das memórias e os esquecimentos.

Cinco anos separam os dois principais testemunhos de Almerinda concedidos a Angela de Castro Gomes e a Joel Zito Araújo, mas fica evidente uma mudança no tom de narrativa entre um e outro. Há no depoimento dado a Joel Zito um ar mais glorioso de quem se apresenta não só como testemunha da história, mas como figura que ajudou a escrevê-la. Quando Simone de Beauvoir era uma mulher começando a conhecer senilidade, escreveu que a paixão a qual o velho está predestinado é a ambição. Sem poder sobre o mundo, o velho deseja aparecer. “Perdeu sua imagem: esforce-se para reencontrá-la fora de si mesmo. Cobiça condecorações, honras, títulos, uma farda

de acadêmico" (Beauvoir, 2018, p. 473). Um exemplo aparentemente trivial de como isso se dá em Almerinda está na forma como, em 1989, ela se situa na história da luta pelo voto feminino no país:

Eu fui a primeira mulher a ser eleitora. Eu digo isso porque, até então, a mulher não tinha direito ao voto. O Getúlio deu direito de voto à mulher, a todos os cidadãos. A primeira eleição que houve foi a eleição classista, delegado classista. A seguir, no mesmo dia, na mesma temporada houve a eleição política. Eu votei como delegado eleitora para o deputado classista. Agora, no mesmo ano, vieram as eleições políticas que eu e outras mulheres votamos. (Almerinda, 1991).

A cronologia dos fatos aponta o contrário. A eleição política, a primeira em que as mulheres foram às urnas, se deu no mês de maio de 1933 e o pleito classista aconteceu em julho.<sup>6</sup> É compreensível que haja uma confusão de datas diante da distância temporal de mais de 50 anos entre o que se narra e o que se viveu. Essa mesma versão é confirmada (e jamais negada) por Almerinda aos jornais que a acompanham durante o processo eleitoral de 1989 (Aos 90 anos..., 1989). Aqui não proponho discutir ou analisar a veracidade da narração, mas evidencio este fato para apontar como a memória opera diante do peso do presente. Como dito por Ecléa Bosi (1994, p. 17): "A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição no conjunto das representações que povoam a nossa consciência atual".

O fato narrado por Almerinda aponta menos para o passado que ela tenta reconstruir e mais para o presente. Há de se considerar que a narrativa heroizante foi feita para as câmeras, por uma Almerinda mais velha que vive o momento de abertura política do país. Nesse momento histórico, ela pode ocupar um lugar de protagonista. Ali, a alagoana também sinaliza para o futuro, para a imagem de si que deseja semear para a posteridade.

Michael Pollak (1992, p. 4) aponta que "no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento". Aqui, pouco importa se o relato é verdadeiro ou não, essa é a verdade de Almerinda.

Da mesma forma, o testemunho colhido por Angela Gomes em 1984 precisa ser pensado à luz de seu tempo. Na ocasião, o Brasil ainda vivia sob o governo do general João Figueiredo e, como relata Angela, era frequente que muitos dos velhos militantes entrevistados por ela na ocasião apresentassem atitudes de desconfiança e medo, como se temessem represálias pelo passado combativo (Gomes, 1988, p. 13).

Diante das câmeras de Joel, Almerinda também fala com maior liberdade sobre

---

<sup>6</sup> E anos antes da conquista do direito ao voto feminino ser formalizada por Getúlio Vargas, em 1927, a professora Celina Guimarães Viana, moradora do município de Mossoró (RN), obteve na justiça local o direito de voto. A bibliografia sobre o assunto costuma apontar Celina como a primeira eleitora do país.

seus amores, sua paixão pela música e faz reflexões sobre sua percepção da passagem do tempo: “Eu nunca fui convencida de que fosse bonita, agora que eu envelheci que eu olho para os meus retratos é que eu digo como que... eu era bonita e não sabia” (Almerinda, 1991). O filme se encerra com imagens de Almerinda cantarolando, em tom divertido, uma de suas canções. A equipe de filmagem sorri.

### “Assim eu sei que viverei para a posteridade”

Embora tenha sido uma mulher pioneira no terreno da política e do sindicalismo, a trajetória de Almerinda é quase desconhecida. Nos poucos espaços em que recebeu destaque por sua vida de luta, Almerinda foi apresentada em pequenos verbetes que estampavam uma interrogação no lugar destinado ao ano de sua morte. A data de falecimento era incerta até o ano de 2020, quando localizei sua certidão de óbito. Almerinda faleceu sem qualquer reconhecimento em 31 de março de 1999, a poucos meses de completar 100 anos (Tenório, 2020, p. 178).

Além dos vestígios deixados por Almerinda nos jornais, nos documentos sob a guarda do CPDOC e no Fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, integrante do Arquivo Nacional, que detalham sua atuação política junto ao movimento de mulheres, são esses dois relatos orais que nos ajudam a decifrar o enigma de quem foi Almerinda e qual foi a sua contribuição para a construção da cidadania feminina.

É possível dizer que embora tenham propostas distintas, estes dois projetos de provocação da memória se complementam. Na entrevista proposta por Angela, Almerinda se esmerou em reconstituir os anos de atuação no movimento feminista e sindical. Nosso ponto de vista, enquanto intérpretes de todo o material pesquisado, é que esse relato fiel à metodologia proposta é riquíssimo, porque nos dá acesso aos bastidores da FBPF através do olhar de uma liderança negra e integrante da classe trabalhadora assalariada. Ali estão as lembranças de uma mulher de 1930, do Brasil que experimenta transformações profundas em seu tecido social e assiste à ascensão de Getúlio Vargas ao poder. O valor do depoimento não está apenas nos relatos que dizem respeito à história social, como a história das lutas sindicais, mas também na apresentação das tramas culturais que cercavam uma mulher que ousou viver a vida sem a tutela masculina em uma sociedade entranhada em valores machistas.

Na linguagem cinematográfica temos Almerinda em movimento, com seu sorriso fácil. Através dessa janela audiovisual, temos acesso ao seu mundo, sua intimidade. Ali então as fotos exibidas com orgulho, o piano que ocupa lugar de destaque no centro da sala de estar. Neste segundo depoimento, temos um relato mais pessoal, que embora não tenha a riqueza de detalhes da entrevista feita com os historiadores, também tem seu valor por nos apresentar outra faceta de Almerinda. Ali, cercada pelos seus objetos biográficos, a protagonista parece muito à vontade para não somente lembrar,

mas também para performar sua personalidade carismática e seus talentos. Além de testemunha da história, é uma amante das artes, que na velhice voltava a se dedicar ao piano, uma paixão da mocidade.

Na versão de si que relata a Angela, Almerinda fala de suas contribuições de maneira mais tímida e demonstra total lealdade a Bertha, a quem aponta como líder absoluta do movimento de mulheres. Em 1989, Almerinda é a heroína principal de seu próprio relato. Segundo o historiador Enzo Traverso (2012), o reconhecimento e a visibilidade de uma memória dependem da força de quem as possui. Para o autor, é possível falar em “memórias fortes”, aquelas sustentadas pelos aparatos institucionais, pelo Estado, e as “memórias fracas” ou, como mencionado por Pollak, as “memórias subterrâneas”.

[...] ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’. (Pollak, 1992, p. 2).

Não é difícil imaginar em que categoria a memória de Almerinda se enquadra. Ignorada pelos livros de história, Almerinda não foi acolhida pelas instituições nem respaldada pelas historiografias. Por isso, seus testemunhos orais são maneiras de fugir da morte social, experimentada por muitos velhos antes mesmo da morte física.

Almerinda encerra sua entrevista a Angela de Castro Gomes e Eduardo Stotz, com as seguintes palavras: “Eu é que tenho que agradecer muito porque assim eu sei que viverei para a posteridade” (Almerinda Farias Gama, 1984, p. 106). Cada entrevista era uma batalha vencida contra o esquecimento.

## Referências

- ALMERINDA: primeiro voto feminino. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 53, 10 dez. 1989.
- ALMERINDA, uma mulher de 30. Direção: Joel Zito Araújo. Recife: SOS Corpo, 1991. (26 minutos). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_9jfbUM\\_zGQ](https://www.youtube.com/watch?v=_9jfbUM_zGQ). Acesso em: 2 maio 2021.
- AOS 90 anos a primeira a votar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 5, 18 dez. 1989.
- ATOS na Justiça. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 16 mar. 1967.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras,

1994.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GAMA, Almerinda. Escreva-se a História. *Província do Pará*, Belém, 14 dez. 1975.

GOMES, Angela de Castro. *Velhos militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

HALBWACKS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013.

MANOEL JÚNIOR, José. Almerinda: resgate de uma mulher. *Jornal do Commercio*, Recife, 8 mar. 1991.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. *Bertha Lutz*. Brasília: Edições Câmara, 2016. (Série Perfis Parlamentares, 73).

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 18, p. 9-18, 1989.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Editora Mulheres: Edunisc, 2006.

TENÓRIO, Patrícia Cibele da Silva. *A vida na ponta dos dedos: a trajetória de vida de Almerinda Farias Gama (1899-1999) – feminismo, sindicalismo e identidade política*. Dissertação (Mestrado em História) – UnB, Programa de Pós-Graduação em História, Brasília, DF, 2020.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

## Fontes orais

GAMA, Almerinda Farias [85 anos]. [jun. 1984]. Entrevistadores: Angela Maria de Castro Gomes e Eduardo Stotz. Rio de Janeiro, RJ, 8 jun. 1984.

SOUZA, Alana Mara Batista de [78 anos]. [jul. 2019]. Entrevistador: Patrícia Cibele da Silva Tenório. Caraguatatuba, SP, 24 e 25 jul. 2019.

Recebido em 01/03/2021.

Versão final reapresentada em 13/04/2021.

Aprovado em 16/04/2021.

**Fonte de financiamento:** nada a declarar.

**Conflitos de interesse:** nada a declarar.